

sociais". O uso da Segunda ferramenta metodológica, a arqueologia, faz-se no sentido de entender que "a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local e a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade" (M. Foucault, *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.171-172).

Tal investigação tem o objetivo de salientar e contextualizar o vínculo entre as corporeidades, as identidades, os novos saberes-poderes que estão sendo gerados nas relações das crianças que vivem em vulnerabilidade social, destacando os processos de controle do corpo – enquanto instrumento de uso social, que o disciplina, o esquadrinha, visando um governo de ações individuais e coletivas – e como isso se reflete nas estratégias de governo e de governamentalidade destas crianças e jovens.

Moreno Baeta Neves Barbé
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Discurso: contatos entre poder e o ensino de filosofia no Brasil

Como se sabe amplamente, a educação possui uma grande importância para a difusão cultural da humanidade. Por meio dela, pode-se compreender historicamente o desenvolvimento social em cada geografia e tempo, o que se torna um fator determinante para a diversidade de práticas cujo objetivo se debruça na formação humana. Nesse viés, será pensado o conceito foucaultiano de discurso e como o mesmo estabelece dinâmicas entre saber e poder; em especial, no ensino da filosofia no Brasil.

Foucault descreveu, questionou e evidenciou, a partir de seu conceito de arqueologia, como a física e a micro-física do poder permeia a história, permitindo-nos compreender por um novo âmbito os diferentes cercos de conexões e conflitos existentes dentro das relações humanas, cujo eixo se distende por vontades como a de poder e a de verdade.

Devido à riqueza e grande diversidade dos estudos de Michel Foucault, podemos utilizá-lo como ferramenta para diversas abordagens sobre a temática da educação que apresentamos como proposta da comunicação. Nossa escolha de problematizar a acepção de discurso e de ensino da filosofia surgiu das observações das práticas educacionais que se apóiam nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Num primeiro momento, é necessário contextualizar a relevância dos PCN's, inseridos dentro do projeto da reforma educacional brasileira e adotado desde a década de 90. A reforma que se vincula a um dos pré-requisitos necessários para a participação do Brasil no bloco de países globalizados, cujas perspectivas fundamentais atrelam a educação no Ensino Fundamental e Médio às questões sobre a capacitação de uma aprendizagem técnico-científica; ao conhecimento da tecnologia informatizada e à re-integração do ensino voltado para um processo transdisciplinar pelo qual seria possível dinamizar as áreas referentes a ciências exatas, naturais e humanas. Essa reforma possibilitou a reestruturação sistemática de todo currículo escolar presente em nosso país, tendo o Ministério da Educação privilegiado a consideração das características culturais e geográficas de cada Estado e a estima das ciências humanas como área basilar para a formação cultural, cívica e intelectual, estritamente necessária para a formação de uma consciência crítica e equilibrada. Entretanto, é a partir dos "inovadores" preceitos relacionados às áreas das humanidades que especificaremos a problemática discursiva do ensino em filosofia, levando em conta a possibilidade de potencializar tantos outros aspectos conflitantes dentro dos parâmetros. Ao debruçarmos em certas noções das quais interligam valores éticos, morais, políticos e estéticos; percebemos algumas considerações problemáticas dentro do campo da Filosofia propriamente dita, tal como a compreensão fundamental de sua práxis pela "declarada intenção de buscar o Verdadeiro, o Belo, o Bom" (PCN; IV, P.44), que a limita a preceitos conflitantes dentro da própria filosofia e obscurece a compreensão crítica dos valores acima citados, o que torna a comunicação e o discurso práticas ambíguas em sala de aula.

Nádia Geisa Silveira de Souza
Ana Arnt
Anelise Rabuske
Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

A fabricação do corpo nas práticas escolares

No artigo, tenho como propósitos discutir o corpo como inscrição dos acontecimentos com os quais se relaciona ao longo da sua existência e chamar a atenção para as implicações das práticas escolares na fabricação dos sujeitos. Para esta discussão, estabeleço conexões com proposições de Michel Foucault e de autores do Campo dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. Pretendo discutir, inicialmente, as contribuições dos estudos genealógicos de Foucault (Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. RJ: Graal, 13ªed., 1998) para pensarmos o corpo. O filósofo vai nos dizer que se enganam aqueles que pensam o corpo como sede de instintos, desejos e sentimentos perenes ou como lugar de pura fisiologia, uma vez que "ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências" (*op. cit.*, p. 27). Se quisermos conhecer de onde provém o corpo, é preciso descobrir as marcas sutis, singulares, que nele se entrecruzam e fabricam uma rede custosa de desenredar. Enquanto marca do que acontece, a proveniência do corpo (ou sua herança) inscreve-se nos sistemas nervoso, digestivo, respiratório, nos hábitos alimentares, na forma de respirar, de movimentar-se, de sentir, no seu ritmo (*ibidem*). A materialidade humana, ao corporificar condutas exercidas pelos diversos mecanismos de poder, que se engrenam na trama social, adquire forma naquilo que nomeamos o corpo. Assim, aqueles elementos que atuam nas práticas sociais, sejam ditos, sejam vistos, ao serem incorporados, adquirem o caráter de essência do corpo, no entanto, esses são efeitos de natureza biossocial.

Dessa perspectiva, se pretendemos entender como nos (trans)formamos nas pessoas que estamos sendo num determinado momento, precisamos procurar conhecer como funcionam os processos que integram a constituição de subjetividades e de produção dos corpos. Tais proposições têm me movido a analisar, em conjunto com o grupo de pesquisa sob minha orientação, os efeitos da correlação de práticas discursivas nos processos de inscrição do corpo no espaço escolar. Pretendo discutir, aqui, como se lida com as experiências e saberes dos alunos durante aulas de Biologia. Nessa pesquisa, percebemos que o corpo foi trazido vinculado às explicações e nomeações de áreas científicas, a Embriologia e a Genética, sem articulação com as experiências e problematizações dos estudantes sobre seus corpos, convertendo-se em mais um conjunto de informações. Além disso, visio problematizar os efeitos de um conjunto de práticas de exame, vigilância e controle na produção de determinados tipos de alunos.

Nelson de Aguiar Menezes Neto
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Entre filosofia e arte: A estética da existência em Foucault

Os conceitos de cuidado de si e de estética da existência ocultam o perigo de simular mais uma forma de assujeitamento, recaindo nos esquemas ideológicos da burguesia contemporânea. Em Foucault, contudo, trata-se de recusar o que somos, desenvolvendo novas formas de subjetividade. Recusar o que somos é recusar o quanto nossa individualidade e nossa subjetividade já são, de antemão, produtos forjados pelas formas de controle e pelos jogos de poder, o quanto são estruturais e sistêmicas. Nesse sentido, o verdadeiro problema não é descobrir o que somos, mas nos inventar, conquistando espaços de liberdade. A reinvenção de nós mesmos é, antes de tudo, um ato criador. É criar a mim mesmo, a minha subjetividade, fazendo da minha vida uma obra de arte, uma vida bela. Este é o modo de vida artista, compreendido à luz de uma experiência vivida, na qual o que está em jogo é a tensão entre dependência e autonomia. Na contramão do modo de vida burguês, a estética da existência implica num trabalho de desconformidade e de liberação, na arena da vida entendida como arte. Enfim, implica numa ética e política que sejam ao mesmo tempo estética porque criação, espaço de liberdade, de invenção e de libertação. Numa palavra, a estética da existência é uma atitude de modernidade, sobretudo de questionamento, contestação e resistência política, pela qual nos tornamos artífices da beleza de nossa própria vida e nos libertamos do jugo das estruturas de servidão. Esta comunicação pretende, por meio da leitura de *Dits et écrits* – obra em que o estatuto da liberdade na resistência ao poder aparece como problematização decisiva – mostrar o quanto a perspectiva da resistência ao poder em Foucault é concebida como arte. Trata-se de evidenciar de que forma o assim considerado "terceiro Foucault" abre espaço para uma conciliação entre filosofia e arte contemporânea, no terreno de uma luta de resistência que se concretiza como estética da existência.